

## **PAGO-TE COM UM PIPAROTE, E ADEUS: O MEME MACHADIANO COMO POTENCIALIZADOR DE MULTISSEMIÓTICAS (RE)LEITURAS**

André Carneiro Ramos (UNIMONTES)<sup>1</sup>

Daniela Imaculada Pereira Costa (UNIMONTES)<sup>2</sup>

**RESUMO:** o surgimento de novos gêneros do discurso reflete as inúmeras transformações a que somos submetidos no mundo atual, na tessitura de paradigmas regidos pela preponderância de uma virtual realidade. Este trabalho pretende, portanto, demonstrar como o gênero meme – fenômeno pertencente à essa nova topografia social – pode ser fecundo ao ser utilizado nas demandas do ensino-aprendizagem da língua portuguesa e literatura hoje. Justifica-se, pois, o uso dessa multimodalidade como parte do universo das mídias digitais, enquanto configuração de um viés crítico associado ao humor. Nessa equação, o meme se apresentaria como um novo tipo de importante narrativa social, relatando acontecimentos do cotidiano, mas com vistas sempre a um diálogo mantenedor de rearranjos imprevisíveis entre textos e imagens. Como proposta de ensino, criaremos memes ancorados em duas obras de Machado de Assis, que serão utilizadas como *corpus* de nossas análises e produções. Ao se pensar em tais procedimentos, podemos associar a eles a discussão de tópicos como signo ideológico, singulares à formação de um sujeito atento à novas possibilidades de leitura, ressignificando, via meme, as obras envolvidas em sua produção; o que se espera constatar é a participação dos alunos num contexto novo de abertura à recepção literária, considerada como “distante” por muitos. Para tanto, alguns conceitos precisarão ser evidenciados, tais como a ironia, produção e construção de sentidos, multiletramentos e multimodalidades, bem como os gêneros do discurso, todos indispensáveis para a inserção desses sujeitos aprendizes em práticas sociais de construtivas leituras.

**PALAVRAS-CHAVE:** memes; multissemiótico; signo ideológico; letramento literário; Machado de Assis.

**ABSTRACT:** the emergence of new speech genres reflects the countless transformations we are subjected to in the current world, in the weaving of paradigms governed by the preponderance of a virtual reality. This work intends, therefore, to demonstrate how the meme genre – a phenomenon belonging to this new social topography – can be fruitful when used in the demands of teaching-learning Portuguese language and literature today. Therefore, the use of this multimodality as part of the universe of digital media is justified, as a configuration of a critical bias associated with humor. In this equation, the meme would present itself as a new type of important social narrative, reporting everyday events, but always with a view to maintaining a dialogue of unpredictable rearrangements between texts and images. As a teaching proposal, we will create memes anchored in two works by Machado de Assis, which will be used as a *corpus* of our analysis and productions. When thinking about such procedures,

---

<sup>1</sup> Mestre em Literatura Portuguesa (2008) e doutor em Literatura Comparada (2014), ambos pela UERJ; professor de Literatura do Departamento de Comunicação e Letras da Unimontes – Universidade Estadual de Montes Claros (MG).

<sup>2</sup> Mestre em Linguística e Língua Portuguesa (2013) pela PUC-Minas; atualmente é doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pela mesma Instituição; professora do curso de Letras-Espanhol do Departamento de Comunicação e Letras da Unimontes – Universidade Estadual de Montes Claros (MG).

we can associate to them the discussion of topics such as an ideological sign, singular to the formation of a subject attentive to new possibilities of reading, giving new meaning, via meme, to the works involved in its production; what is expected to be verified is the participation of students in a new context of openness to literary reception, considered as “distant” by many. For that, some concepts will need to be evidenced, such as irony, production and construction of meanings, multiliteracies and multimodalities, as well as the speech genres, all indispensable for the insertion of these learning subjects in social practices of constructive readings.

**KEYWORDS:** memes; multisemiotic; ideological sign; literary literacy; Machado de Assis.

## INTRODUÇÃO

Palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução; alguns dizem mesmo que assim é que a natureza compôs as suas espécies.  
Machado de Assis

Há um excelente episódio da primeira temporada da série espanhola *Merlí* (2015-2018), em que uma jovem do Ensino Médio, integrante da turma de filosofia do professor, cujo nome dá título ao programa, tem sua nudez exposta nas redes sociais. Podemos imaginar o alvoroço causado na escola, com alguns adolescentes indo além, especulando acerca da moral e caráter da aluna. Nota-se que o roteirista pretendeu abordar um tema atualíssimo: o uso inadequado, e até mesmo exagerado, da internet pelos jovens. Sem perder a oportunidade, adentrou no terreno fértil da obra *Sociedade do espetáculo* (1967), de Guy Debord, com vistas a uma reflexão sobre o comportamento consumista da juventude hoje, correlacionado aos expedientes de uma visibilidade excessiva, como também na rotina de não conseguirmos mais desligar o *modus operandi* do ecrã do celular, por exemplo, que em tempo real nos vigia.

De fato, dos anos 60 até o século XXI, inúmeros e frequentes desdobramentos sobre o potencial influenciador das mídias – na exacerbação informatizada de seus tentáculos – passaram a vigorar com transformadora insistência na contemporaneidade, a ponto de termos nossas escolhas até certo ponto conduzidas pela incisão de complexos sistemas algoritmos; várias são as constatações de que estamos sendo guiados por uma nova modalidade de monopólio econômico. A internet, então, tornou-se uma inevitável plataforma de trocas das mais variadas: sociais, políticas, trabalhistas, educacionais, culturais e, sobremaneira, emocionais. Sobre isso, a citação que se segue, de Paul Virilio, continua se mantendo como um misto de arauto e provocação sobre todas essas mutações:

Unidade de lugar sem unidade de tempo, a Cidade desaparece então na heterogeneidade do regime de temporalidade das tecnologias avançadas. A forma urbana não é mais expressa por uma demarcação qualquer, uma linha

divisória entre aqui e além (...). Nela, a entrada indica menos um ponto de passagem obrigatória do que um protocolo áudio-visual em que o público e os índices de audiência renovam a acolhida do público, a recepção mundana. (...) Com os meios de comunicação instantânea (satélite, TV, cabos de fibra ótica, telemática...) a chegada suplanta a partida: tudo “chega” sem que seja preciso partir (1993, p. 11).

Vale ressaltar que tal avaliação remonta à década de 90, o que nos leva a pensar numa sociedade que ainda não conheceu o poder das redes sociais, mas que já sofreria, em sua perspectiva urbana, a exacerbação das transformações comportamentais geradas pelo confronto da relação entre público e meios de comunicação de massa, com seus expedientes descritos, dando-nos a dimensão do que estava por vir.

Assim, nesta topografia ultratecnológica em que hoje vivemos, podemos pensar no quanto nossas individualidades estão, cada vez mais em partes, sendo dissecadas; na consagração do que Paul Virilio (1993) e outros pensadores anteviram, vivemos mesmo a perder espaço para as imagens. E como consequência disso, a geração dos anos 2000 passou a conviver mais intimamente com essas realidades, a ponto de não mais renunciar a seus celulares, para onde quer que se dirijam.

Diante desse paradigma, assistimos agora a um processo de sobrecarga do virtual, adensado em 2020 pela pandemia<sup>3</sup> da Covid-19. Ao adotarmos o isolamento social como forma de prevenção do contágio, passamos a interagir uns com os outros através de plataformas digitais das mais diversas, numa prova do avanço positivo da tecnologia; todavia, por outro lado, isso instigou em muitos a prática de uma “coletiva individualidade”, ou seja, sozinhos diante da tela do *notebook* nos vemos cara a cara com outros inúmeros solitários, desacostumando-nos do convívio social cotidiano, irrestrito.

E uma vez que temos esse quadro configurado, do interior dessa topografia tecnológica, de dentro dos meandros da internet, em suas páginas de notícias (noticiosas, por vezes) e *timelines* das redes sociais, desponta um curioso gênero discursivo, que surgiu, segundo alguns estudiosos, assemelhando-se, em virulência, a um poderoso microrganismo (LEAL-TOLEDO, 2017); trata-se do meme, algo que todos conhecemos, possuindo como prerrogativa básica, enquanto elemento sógnico difusor de ideologias, informações a serem exponencialmente propagadas a partir da internet, e para além dela.

Nesse sentido, é possível se compreender o meme como um gênero multimodal que se constrói a partir de informações várias e freneticamente transmitidas adiante, quase sempre se

---

<sup>3</sup> Salientamos que, em 2021, mais especificamente em julho, os números da Covid-19 se aproximavam das 550.000 mortes no Brasil. Enquanto isso, o governo continuava a desmerecer o uso de máscaras, num discurso em oposição aos cuidados em relação à doença, preconizados pela OMS, insistindo na ideia obscura da “imunidade de rebanho”.

estabelecendo pela incorrência do humor. Porém, o que fortalece mesmo o processo memético enquanto gênero mutável é sua capacidade de se espalhar rápida e irrestritamente (sem controle), transmutando-se *on-line* a partir da (re)interpretação que dele fizerem.

Para o escopo deste trabalho, o objetivo é se compreender o gênero meme como modalidade de trabalho do discurso literário em sala de aula. Reitera-se que ele não será somente demonstrado, mas refletido e refratado pelo discente, no sentido de se discutir e ressignificar temas da atualidade, como outros gêneros, como o literário e o publicitário<sup>4</sup>, extraíndo com isso o lado produtivo, comunicativo, reflexivo e analítico que os gêneros emulam; ao entrarem em contato com o gênero meme durante o processo de aprendizagem que iremos abordar, a sensação de muitos é a de se tornarem analistas do discurso, na compreensão da aplicabilidade de figuras de linguagem como ironia, por exemplo, ou na imagem dialogando com o texto (e vice-versa), numa complexa interação de sentidos.

O autor escolhido como ponto de fricção para a concepção e entendimento do processo memético aqui idealizado foi Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908).

Consagradíssimo em nossa literatura, suas obras atemporais – aqui elencaremos duas, a saber: *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881) e *Dom Casmurro* (1899) – seguem dialogando com a contemporaneidade sob vários aspectos, inclusive insinuando-se ainda mais interativamente com os novos leitores (a partir de inúmeros expedientes multimodais, como o meme, por exemplo), em termos de provocação e geração de singulares e apropriados sentidos.

Precisaremos, enfim, lançar mão de subsídios teóricos a fim de elucidar parte desse fenômeno digital e atualíssimo chamado meme. Para tanto, recorreremos aos conceitos de Walter Benjamin (2018), Patrick Davison (*apud* Chagas, 2020), Valentin Volóchinov (2017; 2019), Mikhail Bakhtin (2018), Angela Kleiman (2008), Haroldo de Campos (1977), Alfredo Bosi (1994), Raimundo Faoro (2001), Jean Baudrillard (1999), Michel Pêcheux (2014), dentre outros.

## 1. VOLÁTIL, IRREFREÁVEL E CONTAGIOSO: DISSECANDO O GÊNERO MEME

A temática do meme é hoje algo recorrente no cotidiano informacional e formacional das pessoas que, sobremaneira, convivem quase em tempo real com o universo paralelo chamado internet. Somos, a cada instante, surpreendidos a todo momento por conteúdos variados, tendo nossas atenções “sequestradas” para esses sítios comunicacionais,

---

<sup>4</sup> A publicidade, inclusive, recorre hoje ao meme para a divulgação de inúmeros produtos.

configurando-se aí uma premissa que se abre em duas frentes: uma positiva, por motivos óbvios, haja vista que em nossa era digital elementos dos mais diversos chegam até nós de forma, digamos, viral; todavia, verifica-se também um lado negativo, em que se constata o quanto tais informações podem conter elementos que não correspondam com a realidade, no caso, as chamadas *Fake News*, fatos e/ou notícias tendenciosas, que corroboram com a disseminação de questionáveis ideologias.

Nesse ponto, torna-se pertinente a menção de um trecho da consagrada reflexão que Walter Benjamin fez acerca do tecnicismo, que sobrepujaria e, de certo modo, “democratizaria” certos expedientes da apreciação artística. O teórico, assim, afirmou:

(...) a reprodução técnica pode colocar a cópia do original em situações que são inatingíveis ao próprio original. Sobretudo, torna possível ir ao encontro daquele que a recebe, seja na forma da fotografia, seja na forma de disco. A catedral abandona seu lugar para encontrar sua recepção no estúdio de um amante das artes; o coral que foi executado em uma sala ou a céu aberto se deixa ouvir em um quarto (2018, p. 21).

No sistema de imagens dialéticas concebido pelo teórico, a reflexão se adensa em relação ao modo como os observadores do século XX – contaminados pelas falsas necessidades que somente os produtos gerados pelo Capitalismo poderiam suprir – passariam a assimilar o efeito artístico. Nessa altura, propagada sob a tutela de uma reprodutibilidade excessiva, a macular sua mítica aura, o valor de culto da arte é modificado pelo progresso vigente, levando-a para o caudaloso terreno da relativização de sua importância; no entanto, ao se conjecturar a perspectiva de sua ampla divulgação futura, tais processos funcionariam no sentido de se aproximar um maior público da arte. Notem que Benjamin menciona a fotografia, gênese do cinema e de toda euforia imagética que se seguiria na pós-modernidade; a possibilidade de o coral agora ser ouvido isoladamente num quarto, ecoaria já a exacerbação da individualidade na recepção, bem como a reinterpretação da experiência com os signos, algo que o meme, décadas depois, extrapolaria em termos de automática e intersubjetiva assimilação e geração de sentidos.

Em meio a toda essa profusão informacional, para um sem número de leitores-consumidores pelo menos uma vez por dia, um contato (ou vários) com o meme hoje é estabelecido; e a partir dessas interações discursivas é que as mensagens engendradas a partir dessa dinâmica serão produzidas e lançadas adiante, numa gama profusa de reinterpretações. Logo, o efeito memético se dissemina com a releitura de algum fato ou situação, inicialmente se consagrando a partir de um efeito jocoso. Mas o fenômeno não para por aí; na verdade, à

medida em que se fortalece na divulgação, pode vir a sofrer alterações, gerando com isso outras interpretações; e nesse processo todo, outros memes acabariam mesmo sendo inventados. Por seu turno, Linda Börzsei (*in*: CHAGAS, 2020, p. 511) salienta:

Com o surgimento da internet, o termo “meme” também foi muito empregado para nomear o conteúdo que se dissemina on-line de um usuário para outro. A primeira definição “academicamente rigorosa” para essa variação particular foi proposta por Patrick Davison (...) em seu ensaio *A linguagem dos memes de internet*<sup>5</sup>: “Um meme de internet é uma peça cultural, tipicamente uma piada, que ganha influência por meio de sua transmissão on-line”.

Trata-se de uma entidade comunicacional viva, com total aderência ao conceito próprio de língua. Nesse sentido, o meme se circunscreve mesmo enquanto um organismo vivo. E para os teóricos pioneiros deste gênero, como o biólogo Richard Dawkins (que em 1976 cunhou o vocábulo “meme”), tal fenômeno da linguagem se assemelha mesmo a um gene, um vírus ou algo mutante, na medida em que invadiria o nosso DNA cognitivo, alojando-se em nossas percepções de uma forma rápida, justamente no quesito “observação rotineira da vida”, que pode, num dado momento, oferecer um alívio, cômico que seja; esse refrigerio, em meio a tanta seriedade, sugeriria o meme como uma espécie de oásis em meio ao rol de dados ininterruptos a que somos instados a visualizar. Talvez aí resida um pouco de sua renitente sedução.

Mas há também outro elemento, associado à supremacia da imagem, no uso desenfreado que fazemos dela. Somos, na Contemporaneidade, seres imagéticos por excelência, com muito de nossa cognição se apegando visceralmente a isso. É corrente hoje grande parte do público preferir muito mais assistir a um filme do que ler livros – não estamos aqui afirmando que o processo fílmico é inferior ao literário – mas, por questões de assimilação, no sentido de uma crescente “facilidade para o espectador”, que pensa em “perder” apenas duas horas diante de um longa-metragem, ao contrário de horas e horas com um romance nas mãos.

Logo, podemos pensar na renitência do imagético na sociedade hipercontemporânea<sup>6</sup> que temos, potencializando a cultura de massas, por exemplo, no modo como o imagético nos atinge de forma mais incisiva e, não por menos, obliteradora. De um lado, a internet, por questões de *layout* e/ou espaço de tela, exploraria isso de forma muito consistente, levando-nos

---

<sup>5</sup> DAVISON, Patrick. A linguagem dos memes de internet (dez anos depois). *In*: CHAGAS, Viktor (org.). *A cultura dos memes – aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital*. Salvador: EDUFBA, 2020.

<sup>6</sup> Conceito mencionado pela crítica literária Ana Paula Arnaut em seu ensaio *A insólita construção da personagem Post-modernista*, e que se refere à necessidade de mudança da nomenclatura deste nosso tempo, coadunado que está às “(...) *inflexões comportamentais (inter)individuais e (inter)sociais, decorrentes de um novo mundo, globalizado e em constante transformação*” (2016).

a consumir essa modalidade comportamental quase como um regramento para os dias de hoje. Aqui, vale ressaltar a contundente observação de Limor Shifman (CHAGAS, 2020, p. 459):

Nas últimas décadas, a mídia digital originou novos modos de fluxos: transnacionais, translinguísticos, transculturais e, praticamente, transqualquer-coisa. Essas correntes têm se movimentado em muitas direções, muitas vezes contrastantes. Corporações gigantescas, como o Facebook e o Twitter, operam em partes cada vez maiores do globo; comunidades de fãs online e outros grupos de interesse transcendem fronteiras nacionais; ao mesmo tempo, indivíduos usam a mídia digital para se conectar com seus amigos de localização geográfica próxima. O global e o local, que sempre foram entidades imaginadas entrelaçadas, instáveis e coconstruídas.

Em igual frequência, o meme se (re)cria fundamentalmente se pautando pelas imagens; quase sempre são elas a chamar a atenção para o conteúdo escrito; é inegável a correlação entre ambas, residindo aí os quesitos, digamos, “translinguísticos” e “transculturais” mencionados, na extrapolação que hoje se faz de determinadas publicações nas redes.

Voltando à questão do meme enquanto uma espécie de gene, curiosamente se fala na possibilidade de ele se agarrar a nossos neurônios modificando, com o tempo, sua excelência. Uma vez mais, a dicotomia se estabelece: 1) há a questão criativo e criadora do meme, a gerar em nós possibilidades alargadas de assimilação e leituras ideológicas das mais diversas; 2) mas se averigua também o mau uso, até certo ponto, do meme, numa condição em que ele nos define enquanto sub-leitores, numa condição de meros assimiladores de um conteúdo rápido e instantâneo, abrindo mão de aprofundamentos, algo que, a depender do receptor, pode fomentar ainda mais a repulsa em relação a outros gêneros; a falta de costume com a leitura de uma obra literária certamente é um desses danos.

Nossa intenção aqui, portanto, é de promover não somente a visualização de alguns memes, mas problematizar e enfatizar suas possibilidades de construção, cujo foco principal se aproximaria de uma necessidade de se trabalhar com mais ênfase a leitura literária nas Escolas. Através de expressões que possam se coligar à vivência dos alunos, como elementos da oralidade, por exemplo, uma aproximação se estabeleceu, com outras esferas linguísticas, como o Jornalismo e a Publicidade & Propaganda, bem como temas atuais da política brasileira. Procurou-se correlacionar tudo isso com o texto literário machadiano, num diálogo possível entre várias problemáticas atuais, com vistas às releituras, interlocuções e múltiplos letramentos, sem deixar de lado o dialogismo bakhtiniano, muito menos a tão cara ideologia do cotidiano de Valentin Volóchinov. Citemos, de pronto, o segundo (2019, p. 117):

Obviamente, a palavra na vida não é autossuficiente. Ela surge da situação cotidiana extraverbal e mantém uma relação muito estreita com ela. Mais do que isso, a palavra é completada diretamente pela própria vida e não pode ser separada dela sem que o seu sentido seja perdido.

Como um tema correlacionado ao processo dialógico, temos a constituição dos gêneros secundários, que contemplariam a incorporação e reelaboração dos diversos gêneros primários em Mikhail Bakhtin (2018), o que nos ajudou a melhor entender o fenômeno meme em suas possibilidades de transformação ideológico-social, muito através dos enunciados que propõe, algo devido às novas demandas comunicativas que hoje se apresentam.

Dessa maneira, o mencionado pesquisador russo nos evidencia a transformação sofrida pelos gêneros primários, especialmente ao serem inseridos nos gêneros secundários, ou seja: aspectos contumazes da ideologia do cotidiano, que se circunscrevem aos gêneros ligados às esferas dos sistemas ideológicos constituídos. Tal acepção nos ajuda bastante a entender as interferências positivas que as ideologias do cotidiano influem, inclusive na renovação das ideologias instituídas. O teórico ainda observa que, tanto uma ideologia, como outra, sofrem transmutações no decurso de todo o processo. Assim, os gêneros secundários, ao entrarem na esfera dos primários, adquirem uma característica particular; por exemplo, neste nosso estudo, utilizaremos o meme concebido como gênero público digital, de linguagem verbal e sucinta, no qual se articulam imagens midiáticas e enunciados da literatura. Percebe-se não um gênero literário instituído, mas uma releitura sua, num grau possível de enriquecimento/transmutação.

Esse foi o tom que o tempo todo tentamos imprimir em nossas atividades de criação/recriação com os memes, e a citação anterior de Volóchinov chama-nos a atenção para um intercâmbio verbal enquanto espécie de centro no processo comunicacional, com destaque para sua oposição enquanto pensador da palavra, no tocante à renitência de uma linguagem abstrata e mecânica apenas. Desse modo, tal premissa nos ajuda a compreender o meme sob o ponto de vista da organização de inúmeros enunciados, que interagem/dialogam através de múltiplas linguagens e semioses, o que nesses termos produziria um gênero quase sempre estável; todavia, ressalte-se que em seu processo de criação (algo que averiguamos na prática) as interações devem ser escolhidas tendo como critério o público, bem como os efeitos de sentido construídos, sendo que nesse intercâmbio é que se efetiva sua difusão e transmutação (bem como as relações entre autor e interlocutor, garantindo-lhes a proliferação de ideias, críticas e comentários dos mais diversos).

Nessa lógica interacional, escolhemos para nossa dinâmica signos da política e da literatura, objetivando produzir sentidos de humor, reflexividade e criticidade. Sabe-se, pois,



que tanto uma esfera quanto outra refletem por demais esses desenvolvimentos, intensificando-se ainda mais se levarmos em conta o gênero meme em seu *habitat* natural, ou seja, o digital, configurando-se, por vezes, como favorável espaço de trocas e debates.

Não obstante, outro aspecto digno de nota em toda essa dinâmica comunicacional – a saber: cerne maior deste nosso trabalho – é a prática social da leitura e da escrita, a envolver os sujeitos interlocutores, que irão interagir com os memes propostos.

De fato, como qualquer gênero dialogal na sociedade, a memética segue mesmo exigindo ações letradas não somente escolares, mas sociais. Para tanto, é preciso que os interlocutores estabeleçam relações entre o letramento puramente escolar, assim como o letramento advindo das perspectivas sociais. Sem esses pragmáticos intercâmbios (KLEIMAN, 2008) fica difícil de se perceber/compreender os sentidos construídos a partir de tais interações, como as crenças, por exemplo, seguidas de valores, ideologias e emoções, dentre outros elementos, articulados que estão no (re)arranjo dos enunciados meméticos que aqui iremos propor.

Vale dizer ainda que o letramento literário, reafirmado como prática letrada, efusivamente se harmoniza nos papéis anteriormente citados, agregando-se ao fato de que a literatura potencializa sempre sua própria criação de signos e sentidos. No nosso caso, das obras machadianas que utilizaremos serão instadas como “objetos” para a construção dos memes, em diálogo com outras linguagens e signos; inclusive, contribuirão muito para o interesse, divulgação e renovação da leitura desta Escola (o Realismo) e autor brasileiro oitocentista, uma vez que para a compreensão do meme seu letramento nesse sentido é indispensável, pois o leitor que não participou/participa desse tipo de prática leitora não atingirá o pleno significado proposto por nossas interações.

## **2. MACHADO DE ASSIS ATEMPORAL (UM PRODUTOR DE MEMES?)**

Os romances machadianos aqui elencados motivaram-nos também nesse sentido. Por capturar de forma peculiar a alma humana, em seus conflitos e características, acreditamos que o frenético diálogo estabelecido entre os personagens do universo literário com os do cenário político atual não apenas se configura no âmbito do plausível. Vejamos.

Iniciemos com uma citação extraída do artigo intitulado “Machado de Assis: autor do século XXI?”, do professor e escritor Flávio Carneiro:

É por esse apego ao diálogo entre contrários que o estilo de Machado se aproxima do que Haroldo de Campos chama, noutro contexto, de “pós-utópico”. Embora respeite a opinião de que Machado tem mais a ver com a modernidade do século XX do que com o chamado realismo/naturalismo do século XIX, acredito que a equação seja outra. Machado não pode ser confundido com os modernos, que se empenharam numa luta entre opostos: a novidade *versus* a tradição. Mário, Oswald, e mesmos os romancistas do nordeste, eram modernos. Machado não. A idéia de luta, de combate, seja no campo estético ou ideológico, não combina com um estilo marcado pelo exercício sinuoso da convivência dos opostos, sempre, repito, em tensão (2006).

Essa afirmação corrobora, e muito, com o caráter mesmo pós-utópico<sup>7</sup> que a obra machadiana reverbera, na medida em que o nosso maior escritor escapasse a qualquer processo mais definido de “encapsulamento”, numa determinada temporalidade literária possível. E a ideia de tensão entre premissas antagônicas, o antigo e o novo, em se tratando do nosso Bruxo do Cosme Velho, essa mencionada noção de convivência “argutamente observada” pelo autor se pautaria sempre como a melhor saída, sem se perder a noção de síntese desses opostos.

De passagem, isso nos leva a pensar no quanto o nosso Machado de Assis é mesmo um escritor atemporal. Ao revisitarmos partes de sua obra, no olhar arguto e perscrutador lançado por ele às temáticas oitocentistas, especificamente tendo como alvo a cidade do Rio de Janeiro do segundo reinado, a problemática brasileira de então, em suas dissonâncias sociais crescentes, ganharia não só um observador atento, com fins de registro; mas um relativizador de verdades instituídas, nas palavras de Alfredo Bosi: “Menos do que “pessimismo” sistemático, melhor seria ver como suma da filosofia machadiana um sentido agudo do relativo: nada valendo como absoluto, nada merece o empenho do ódio ou do amor. Para a antimetáfísica do ceticismo, a moral da indiferença” (1994, p. 182-183).

Esse papel exercido pelo escritor nos ajudou bastante a traçar a posteriori um perfil histórico-comportamental de parte do país, cujo atraso, endossado pelas elites, corroborado por uma subserviência a tudo o que vinha de fora, desde sempre se presentificara em nosso cotidiano nas grandes cidades, espraiando-se fortemente para o nosso interior. Machado de Assis, com “(...) a pena da galhofa e a tinta da melancolia” (1986, p. 513), fez-nos enxergar, em grande parte, as próprias mazelas, como se nos colocasse diante de um quadro terrível nosso, saído das páginas de *O retrato de Dorian Gray* (1890), de Oscar Wilde.

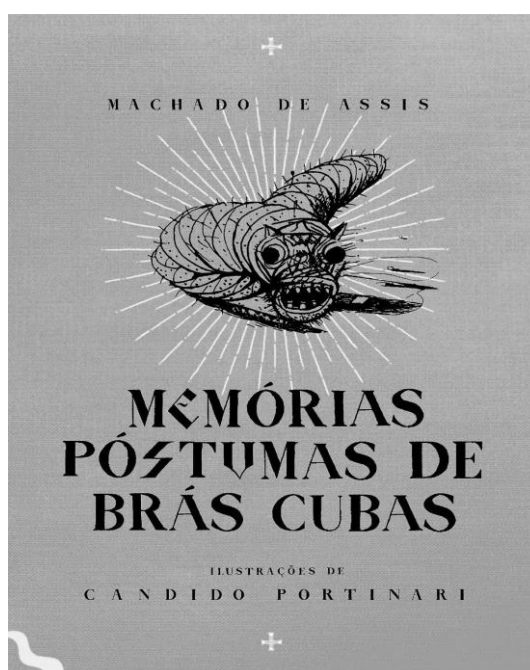
---

<sup>7</sup> O viés pós-utópico se preocupava em avaliar o passado para se entender o presente: “Todo presente de criação propõe uma leitura sincrônica do passado e da cultura. A apreensão do novo representa a continuidade e a extensão da nossa experiência do que já foi feito, e nesse sentido, “quanto mais nós compreendemos o passado, melhor nós entendemos o presente” (CAMPOS, 1977, p. 154).

É certo que em muitos escritos Machado de Assis desnudou a vigência de um Brasil somente “oficial”, cedendo espaço para o “real”. E quando pensamos na relevância e atualidade dessas obras, logo nos vem a noção de urgência em se propagar sua (re)leitura, no modo como devemos, enquanto professores, encontrar os melhores meios de aproximação dos nossos alunos para com o mundo de *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, por exemplo.

Em relação ao primeiro romance, é um consenso a perspectiva transgressora evocada por ele em 1881, demarcando – para a crítica que se preocupa com o registro de transição das escolas literárias – uma espécie de inauguração do Realismo por aqui; todavia, essa perspectiva realista em *Brás Cubas* é toda ela machadiana<sup>8</sup> por excelência, no sentido de que o nosso Bruxo a emulou, com incisivo talento, para as questões do Brasil de sua época.

E quando nos deparamos com a citação de abertura do romance, por exemplo, que conclama a presença de um verme (que primeiro roeria as frias carnes do cadáver de Brás Cubas), podemos, sim, pensar – num arroubo de licença poética – que Machado de Assis cunhou, em fins do século XIX, o primeiro meme da história<sup>9</sup>.



**Figura 1.** Capa da edição de 2019 do romance, lançada pela Antofágica Editora.

<sup>8</sup> Procede a correlação estabelecida entre o romance machadiano de 1881 e a obra intitulada *A vida e as opiniões do cavalheiro Tristram Shandy*, de Laurence Sterne, publicada em nove volumes (de 1759 a 1767), que também trata de um curioso personagem da elite, que passa a relatar pormenores de sua existência. Ocorre que o nosso escritor foi muito além da premissa irônica estabelecida pelo autor irlandês, lançando uma potente luz criativa sobre ela, a ponto de sua emulação se tornar reconhecidamente original, esgarçando mais ainda seu estilo, digamos, filosófico-pessimista; todavia, a referida obra machadiana vai muito além desses pormenores.

<sup>9</sup> Voltamos a dizer: guardadas as devidas proporções.

É fácil de ver o que de início essa obra nos propõe. Trata-se da instauração de um signo imagético, possuidor de uma multissemiose bem específica: dialogar visceralmente com a palavra, mas também acompanhar o leitor em todo o seu percurso gerativo de sentido; trata-se, pois, de uma possibilidade, pelo menos para nós, de o criador de Lobo Neves se firmar ainda mais original em sua literatura: ao configurar esse suposto processo memético, tal verme, e tudo o que ele representa na perspectiva mórbida e, por isso mesmo, crítica da obra, ficaria para sempre “grudado” em nossos neurônios...

Quanto ao personagem Brás Cubas, o defunto-autor, ele aglutina toda a dissolução da elite carioca, com seu fortalecimento a princípio calcado pela emulação de valores europeus, mas que logo se esvazia, e isso sinaliza uma rasura imensa machadiana, haja vista que o nosso Brás é um homem que passou pela vida sem muito a ela agregar. O fracasso desse narrador enfatiza, sim, o modo como até aquele momento o que se acompanha são narrativas de uma capital do segundo império, que na verdade seria a metonímia mal ajambrada de um país que até então não se autoconhecia<sup>10</sup>. O que temos em mãos é sempre um olhar, digamos, schopenhaueriano em sua prosa e personagens<sup>11</sup>, que não compromete em nada o prazer da leitura; em verdade nos encanta, em sua apropriada e contumaz beleza.

Em relação ao segundo romance, *Dom Casmurro* (1899), temos aí talvez a trama mais famosa do Bruxo, detentora de memoráveis personagens, dentre eles Bento Santiago e, sobremaneira, Capitu. Uma vez mais, deparamo-nos com a análise impiedosa da sociedade carioca, na dicotomia social e comportamental estabelecida entre centro e subúrbios, na elaboração de um refinado e muito bem urdido estudo acerca não somente das elites brasileiras, mas, sim, do comportamento humano com vistas ao ciúme, na corrosão que tal sentimento provoca.

Bentinho representa a estagnação, a falta de jeito para qualquer coisa, e até mesmo o seu lado sombrio se revela desprovido de apelos dramáticos, o que lhe aguça a desimportância;

---

<sup>10</sup> Euclides da Cunha aborda toda essa incongruência em seu livro *Os sertões* (1902), esmiuçando o tema, inclusive em tons incontornáveis de denúncia das mazelas sociais geradas a partir desse revoltante processo de invisibilidade, que ainda hoje perdura em muitas regiões.

<sup>11</sup> Ao tratar dos personagens machadianos, Raimundo Faoro comenta: “Machado de Assis, depois de evocar as fontes coloniais de seus heróis, de seus comerciantes, fazendeiros e proprietários, sente que, no fim do século, suas personagens nada têm a realizar, nada mais têm a dizer. Entram em cena outros homens, os especuladores do encilhamento, os militares e os propagandistas de uma nova fé. Entram em cena na vida real, mas o escritor não os aceita: eles são filhos de outro mundo, que vai nascer. O romancista pressente, para recusá-los, afastando-os à força do escárnio e do apuro, que não pertencem à roda antiga, familiar. Eles não passam, aos olhos do homem velho, de sombras da decadência, fruto da desordem dos novos tempos, intrusos sem espírito, maneiras e estilo. Desconhecem a gramática, a arte do gamão e do voltarete, grosseiros, rudes, incultos. Afinal, a melancolia do conselheiro Aires – obsedado pelo verso de Shelley (I can give not what man call love) – reflete uma classe que cai, sem admitir que outra lhe tome o lugar, na monótona sucessão de todas as coisas” (2001, p. 385).

o ar impositivo de seu discurso, naquilo que pretende defender como verdade moral em relação à famosa indagação “Capitu traiu ou não Bentinho”, acabaria por lhe destituir ainda mais do pedestal em que colocava; nessa frequência narrativa, o que temos pela frente é uma perspectiva de amplas interpretações. Não conseguimos em nenhum momento estabelecer a traição de Capitu; dela nos condoemos, muito pelo fato de a personagem representar um quê de desalento. Parece-nos que alguma coisa injusta se configura o tempo todo no ar (uma leitura embasada pelo viés contemporâneo?); o fato é que mesmo com a personagem esboçando em boa parte da narrativa um caráter ambicioso, isso se evidencia:

Era também mais curiosa. As curiosidades de Capitu dão para um capítulo. Eram de vária espécie, explicáveis e inexplicáveis, assim úteis como inúteis, umas graves, outras frívolas; gostava de saber tudo. No colégio onde, desde os sete anos, aprendera a ler, escrever e contar, francês, doutrina e obras de agulha, não aprendeu, por exemplo, a fazer renda; por isso mesmo, quis que prima Justina lho ensinasse. Se não estudou latim com o Padre Cabral foi porque o padre, depois de lho propor gracejando, acabou dizendo que latim não era língua de meninas. Capitu confessou-me um dia que esta razão acendeu nela o desejo de o saber. Em compensação, quis aprender inglês com um velho professor amigo do pai e parceiro deste ao solo, mas não foi adiante. Tio Cosme ensinou-lhe gamão (ASSIS, 1986, p. 841).

Então, o que gostaríamos de enfatizar é a pluralidade de efeitos multimodais que todo esse universo machadiano potencializa, a partir do qual desenvolveremos alguns memes, correlacionando elementos contidos nas histórias, destacando passagens particulares, por exemplo, que acabam registradas na memória dos leitores. Estabelecendo a correlação disso com o meme, num apelo irônico, claro, associaremos essas passagens machadianas à política brasileira atual. O resultado até aqui demonstrou uma gama de possibilidades interpretativas, e o que mais nos alegra é o trabalho com a literatura brasileira, pretendendo revelar aos alunos não somente a sua importância, mas a necessidade que dela sempre temos. O que pretendemos desenvolver nos projetos futuros é justamente uma aproximação desses alunos para com a obra machadiana, na maneira de se plantar uma semente estética e indagadora no coração dos alunos, a fim de que se redescubram paulatinamente enquanto leitores.

### **3 COMPREENDEU? ENTÃO, CRIE UM MEME!**

Retomando parte de nossas considerações introdutórias acerca da problemática do mundo digital, podemos pensar no quanto somos hoje aprisionados neste “simulacro” que

propriamente criamos. Essa ideia chega-nos a partir de algumas provocações de Jean Baudrillard, que a certa altura afirmou o seguinte:

Este imaginário da representação (...) desaparece na simulação — cuja operação é nuclear e genética e já não especular e discursiva. E toda a metafísica que desaparece. Já não existe o espelho do ser e das aparências, do real e do seu conceito. Já não existe coextensividade imaginária: é a miniaturização genética que é a dimensão da simulação. O real é produzido a partir de células miniaturizadas, de matrizes e de memórias, de modelos de comando — e pode ser reproduzido um número indefinido de vezes a partir daí. Já não tem de ser racional, pois já não se compara com nenhuma instância, ideal ou negativa. É apenas operacional (1991, p. 8).

Essa perspectiva ao mesmo tempo tangível e fugidia, em muito se coaduna ao conceito própria da memética, enquanto uma “célula miniaturizada”, incitadora de multissemióticos dizeres.

Ora bem: nesse cenário, temos a internet como um virtual universo ao mesmo tempo pessoal e compartilhado, nele se desenhando aquilo que gostaríamos de ser, ou melhor, o que desejamos que as pessoas percebam sobre nós. Na verdade, essa é uma questão dilemática em nosso tempo, pois contribui para a preponderância do ter em relação ao ser; e o que se é ter hoje senão algo passível de ser amplamente mostrado?

O fato é que as redes sociais cumprem de forma eficaz esse papel. Nossos avatares lá estão a fim de nos representar de forma muitas vezes quase idílica, refletindo o perigo<sup>12</sup> de se ficar o tempo todo conectado.

O filósofo irlandês oitocentista George Berkeley, a certa altura de sua obra, comentando em parte sobre a questão da episteme, afirmou que só existe que é visto, que nossas ideias são sensações<sup>13</sup> ou percepções que temos sobre tais sensações. Ou seja, o conhecimento, para ser confirmado, ou até mesmo relativizado, precisa de uma vitrine, a fim de ser colocado num patamar de observação e averiguação. E o que acontece conosco nestes “tempos líquidos” (Bauman) é justamente isso. Só que na maior parte das vezes não estamos a falar de conhecimento, mas, sim, de coisas alienantes, fugidias.

Então, por que não usar os próprios artifícios criados pela internet a nosso favor? O meme, a partir de tudo o que já exploramos, pode ser considerado em parte um artil. Todavia,

---

<sup>12</sup> A internet é um fenômeno tecnológico de muitos anos, porém a forma como nós a temos hoje no bolso, através de nossos aparelhos celulares, data de 10 anos para cá, ou seja, é algo recente, mas que já se imiscuiu às nossas mentes, tornando-se um vício para muitos.

<sup>13</sup> Essa teoria, inclusive, aproxima-se demasiadamente da vanguarda europeia idealizada por Fernando Pessoa, no início do século XX em Portugal: o Sensacionismo.

e se invertêssemos a lógica desse jogo, aproveitando suas nuances para a divulgação da literatura? É justamente isso que pretendemos fazer.

De nossa parte, já ficou clara a possibilidade de aprofundamento que o processo memético pode oferecer, numa provocação de algo talvez adormecido nos jovens, que é o interesse pela leitura de obras literárias mais substanciais, como é o caso das machadianas. Muito se fala atualmente na perspectiva um tanto superada de se obrigar os alunos a muito cedo tomarem contato com romances por eles considerados como complicados. Particularmente, concluímos que o fracasso desse processo de leitura se dá justo pela forma como ela é exigida pelos professores.

Daniel Penac, professor e crítico francês, afirma que o verbo ler não pode passar pela perspectiva do imperativo (*apud* Sousa, 2010). Concordamos com ele e de forma diferente, nosso posicionamento aqui se distancia, e muito, desse equívoco. Uma pergunta que sempre fazemos quando a leitura de *Dom Casmurro* se apresenta como possibilidade é sobre o que podemos fazer, enquanto educadores, a fim de tornar o mundo de Bento Santiago e Capitu atrativo para os nossos jovens? Que expediente usar, no sentido de se transformar a postura por eles adotada, sobre a leitura ser tediosa, uma perda de tempo para muitos?

Na rapidez do mundo atual, em que seguimos cumprindo metas e lutando contra o relógio – mais um demérito que a internet nos obriga a adotar comportamental e cotidianamente –, a literatura, seja ela em qualquer gênero discursivo (romance, conto, crônica, poesia etc.), pode, sim, oferecer aos leitores um momento de individualidade criativa, de solidão produtora; um instante de respiro, enfim. É nessa direção que idealizamos o trabalho a seguir.

### 3.1 MÃOS AO MEME

No decurso de nosso procedimento criativo, utilizamos enunciados machadianos (ou alusão a eles) objetivando estabelecer um intertextual jogo dialógico entre a atualidade política brasileira (com suas abissais evocações), e fragmentos da literatura do Bruxo, cujo resultado esperado é a elaboração de um meme que possa gerar não apenas um efeito cômico, mas produzir reflexões nos discentes.

Trabalhamos o tempo todo com o interdiscurso, valorizando referências às provocações instigadas por Machado de Assis. Ressalte-se que houve uma preocupação em se destacar/selecionar enunciados que fossem notórios (e memoráveis) nas obras elencadas, como características e bordões de alguns de seus principais personagens. Tais elementos, retirados dos romances *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, foram articulados com

imagens (fotos), difundidas em mídias eletrônicas, e que representam bem o “personagem” Jair Messias Bolsonaro, assim como seus familiares, e autoridades políticas a eles conjurados em reais (e abissais) situações.

A escolha primeiro se deu em relação ao tema – política –, com a figura do presidente no ano de 2020, em relação ao contexto da Covid-19. Tentamos estabelecer no meme correlações entre seus caracteres e alguma “deixa” anunciada pelo personagem machadiano; no tocante à procura por informações acerca do presidente e suas ações, encontramos, inclusive, uma coincidência numérica entre determinada situação real e uma das frases mais paradigmáticas do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Veremos adiante.

Por enquanto, no primeiro meme utilizamos a foto do presidente com uma caixa de sulfato de hidroxicloroquina na mão, como se estivesse num anúncio publicitário de produto farmacêutico. Ao analisarmos a cena, tal imagem já se assemelha a um meme, pois dialoga com propagandas televisivas em programas de fofoca. Nossa proposta aqui foi articular/associar a insistência da defesa/eficácia alardeada sistematicamente por Bolsonaro, em relação à Cloroquina<sup>14</sup>, com a famosa dúvida sobre a mais reconhecida personagem feminina machadiana: se Capitu traiu ou não o seu esposo Bento Escobar. Notemos o meme 1 (fig. 2):



**Figura 2:** meme político. **Fonte:** elaborado pelos autores.

Nesse diálogo multimodal, optamos por fazer uma menção à célebre dúvida e, para tanto, destacamos a palavra “traiu”. Como é sabido, no romance, a dúvida se articula com todo o enredo, com ela pairando no ar o tempo todo; na verdade, o que Machado de Assis quer é que

<sup>14</sup> Convencionou-se, midiaticamente, referir-se a tal medicamento dessa forma.



pensemos sobre o ser humano em suas vicissitudes; o que menos importa é a concretização da infidelidade.

E nossa intenção também foi, claro, a da reflexão crítica, almejando um debate envolvendo a politização da Covid-19. Ao analisar a imagem apresentada, pela negação firmada no enunciado “Essa dúvida não é machadiana...”, o interlocutor poderá inferir que a resposta é sim, o presidente nos traiu; a solução para o dilema está no signo “cloroquina” e seu falso marketing, como tantos outros atos do governo, ao tratar com desmerecimento a pandemia do Coronavírus. Mas essa resposta por parte do leitor também pode ser não, dependendo de suas próprias ideologias.

No caso do meme 1, as pistas são tão implícitas quanto às apresentadas no romance machadiano. Isso porque, como lembra Volóchinov (2017), o discurso do indivíduo se constitui no meio social pelas contínuas interações dialógicas e valorativas com outros discursos e sujeitos. Ou seja: a linguagem é concebida como processo de interação entre enunciadore e enunciatários situados sócio e historicamente.

No meme 2 (fig. 3), a imagem escolhida é a do presidente junto aos três filhos políticos. Nesse caso, optamos pelo uso da intertextualidade, pois empregamos a última frase proferida pelo personagem Brás Cubas – “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria” (ASSIS,1986, p. 639) –, articulada com a frase condicional no passado “Se Bolsonaro soubesse ler e gostasse de Machado...”, que expressa algo não realizado, englobando negativas consequências. Segue:



**Figura 3:** meme político. **Fonte:** elaborado pelos autores.

Tanto no romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* quanto no referido meme, os filhos representam a transmissão genética/ideológica da miséria. Esse potencial diálogo, entre a mencionada obra e os téticos acontecimentos que nos rodeiam, só pode mesmo ser compreendida dentro deste atual contexto político-pandêmico, em que os filhos do presidente se vinculam sempre à escândalos dos mais diversos, como desvios de dinheiro (as chamadas “rachadinhas”), associação com milícias no Rio de Janeiro, compra de mansões sem justificativa de bens, assim como uma ampla produção e divulgação de *Fake News*.

A intenção nossa, ao associar no meme 2 os signos imagéticos e linguísticos propostos, é a de promover no interlocutor múltiplas “relações de sentido”<sup>15</sup>, que possam levá-lo à percepção, por exemplo, de uma ironia (fundada a partir de uma leitura e/ou discussão inicial da obra machadiana) sinalizadora de que tanto Bolsonaro quanto os filhos representam para o Brasil a miséria a destruição da República<sup>16</sup>. O meme 2 valoriza, portanto, a noção de um “não-legado genético” do presidente (num sentido “positivo” e, por essa via, irônico em tal expressão). Os filhos 01, 02 e 03<sup>17</sup> não representariam uma boa perpetuação de futuro...

No meme 3 (fig. 4), a referência utilizada foi a do personagem José Dias, de *Dom Casmurro*, agregado da família elitizada de Bentinho. A imagem do nosso governante cumprimentando Trump dialoga com a ideia de submissão que Machado de Assis desenvolve no romance, num jogo de ascensão e queda entre classes sociais. O signo do “agregado” representa a bajulação, sendo que José Dias usa desse artifício para “pertencer” àquela sociedade, numa tentativa de se tornar visível. Ao contrário disso, tal personagem viverá sempre na sombra. No meme, o interlocutor precisa correlacionar os signos ideológicos “agregado, Bolsonaro e Trump” para, efetivamente, compreender a dinâmica de interação discursiva proposta; deve conhecer a obra machadiana também, inclusive o sentido pejorativo do termo “agregado” ali posto, a fim de correlacioná-lo às características dos dois personagens políticos mencionados. Vejam:

---

<sup>15</sup> Segundo Pêcheux, “(...) no tocante às relações de sentido: tal discurso remete a tal outro, frente ao qual é uma resposta direta ou indireta, ou do qual ele “orquestra” os termos principais ou anula os argumentos. Em outros termos, o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando evoca tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as “deformações” que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido” (2014, p. 76).

<sup>16</sup> Em seus expedientes, digamos, “litúrgicos”, vinculados que estão a certos símbolos, que asseguram à República um *status* identitário-institucional. E oposição a isso, o fato, por exemplo, de o presidente aparecer de “chinelos” em uma foto no Palácio do Planalto, bem como a inapropriada participação de alguns seus filhos em reuniões ministeriais, nos dá a dimensão desse desmantelamento; ao contrário de Machado de Assis, nosso mandatário não valoriza a cultura, opondo-se preempitoriamente à educação, além de se utilizar de um vocabulário tido como “vulgar” dentro da pompa e circunstância que seu cargo exige.

<sup>17</sup> O presidente se refere a eles dessa maneira na mídia, com frequência.



**Figura 4:** meme político. **Fonte:** elaborado pelos autores.

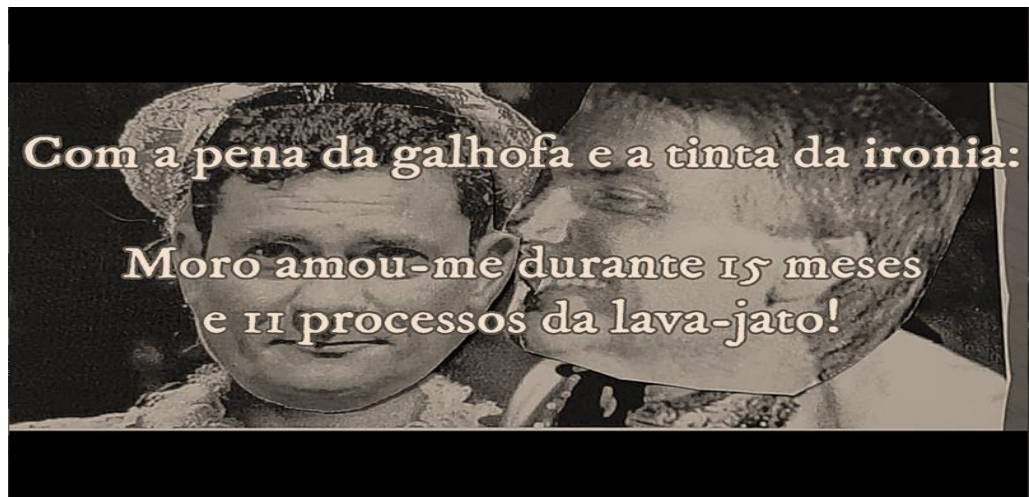
Num sentido similar ao romance machadiano, a figura de Bolsonaro representa a posição de subalterno adotada por ele, ao se colocar subserviente diante de Trump como presidente e, sobretudo, brasileiro. Para ridicularizar ainda mais o presidente, utilizamos o signo “topete” como referência a Trump, aliado à expressão do senso comum “ter topete”, que significa arrojo e audácia, qualidades que não pertencem a Bolsonaro, mas que não faltam (infelizmente) ao líder norte-americano.

No último meme, o 4, que se divide em dois, ocorre outro diálogo intertextual com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Em lugar de uma foto retirada da internet, fizemos uma montagem de imagens que simulam a novelesca relação entre Moro e o presidente. O enunciado machadiano escolhido para dialogar com meme 4.1 foi “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis” (ASSIS, 1986, p. 536), curiosamente já utilizado enquanto meme para se referir à união do “usurpador” Michel Temer com sua “recatada e do lar” Marcela (isso prova a constante releitura a que o gênero meme se circunscreve).

Pelo que elaboramos, a associação que pode ser feita entre os dois enunciados – imagem e fragmento do romance – sugere que ambas as relações são simbióticas (Brás Cubas/Marcela e Bolsonaro/Moro), tendo sempre o interesse como mote. Além disso, as coincidências que se dão nos enunciados, em que temos os mencionados “quinze meses” tanto relacionado à duração do amor de Marcela (como consta no texto machadiano), quanto em termos da real duração do mandato de Sérgio Moro até sua queda – tudo corrobora a oferecer uma inesperada verossimilhança à ironia pretendida. Observem as produções 5.1 e 5.2:



**Figura 5.1.** Colagens elaboradas pelos autores.



**Figura 5.2.** Colagens elaboradas pelos autores.

Trata-se, pois, de uma gama de enunciados coligados a partir da releitura deste contexto nosso atual, nesta condição *sui generis* de produção, que se instaura midiaticamente e segue na urgência se ressignificando; o fato principal a se registrar é que o sentido de todos esses memes não nos é dado a priori, finalizado. Para a análise do discurso de linha francesa, por exemplo, os sentidos são sempre efeitos, ou seja, se revelam construídos entre sujeitos, como nós, situados no tempo e no espaço, e nesses termos teóricos nos baseamos. A constatação? É a de que Machado de Assis, o nosso Bruxo genial, segue firme hoje e nos provocando, em múltiplas proposições; e aqui, o gênero meme pode e deve ser avaliado como uma delas, em efeitos multimodais que se seguem, propagando-se.

## CONCLUSÃO

¿Qué opinan? ¿Creen que si no subimos imágenes  
nuestras a la red no existimos?<sup>18</sup>

Merlí Bergeron

O personagem Merlí Bergeron é um professor de filosofia que, bem de acordo com sua função, interage com seus alunos questionando, de maneira criativa, o *stablishment* imposto pelas dinâmicas de nossa hipercontemporaneidade, instados que somos a não perder tempo com supostas inutilidades. Para muitos, infelizmente, a literatura se enquadraria nessa classificação.

No episódio mencionado em nossa introdução, o mestre espanhol chega a problematizar a questão de nossa “visibilidade” hoje estar atrelada às redes sociais, com seus tentáculos a radicalizar nossas experiências sociais, com vistas ao simulacro, à divulgação de irrealidades que podem corroborar com o enfraquecimento cognitivo de inúmeros avatares em redes sociais.

Todavia, como aqui se comprovou, a internet pode igualmente se revelar como uma importante ferramenta pedagógica, a agregar valores muito bem-vindos às discussões que os professores em todas as disciplinas devem promover nas escolas, no sentido de se buscar sempre o aprimoramento através do diálogo e do contato com inúmeras semioses, a revelar o conhecimento que cada um de nós carregamos, pronto para ser compartilhado.

No caso em potencial da memética aqui tratada, verificou-se o quanto esse discurso é gerador de perspectivas dialogais multissemióticas, numa relação especial com a literatura brasileira como se viu, em especial a de Machado de Assis.

Num diálogo com os textos escolhidos para a produção dos nossos memes, seja nas matérias jornalísticas, seja nas obras machadianas, percebeu-se a subversão semântica contrastada em relação às situações vivenciadas nos contextos distintos (ficção/realidade), com a situação social sendo tratada de acordo com o jogo de interesse dos políticos. No entanto, aquilo que é dito não corresponde à realidade que o sujeito do discurso quer apresentar, mas algo implícito ao dito, à realidade aparente; logo, a linguagem pode servir para dizer o que não se diz: uma crítica ao descaso dos políticos para com a sociedade.

Então, o que merece destaque aqui são os efeitos ao mesmo tempo irônicos e moralizantes dos memes produzidos; uma de suas finalidades é o efeito crucial de denúncia.

---

<sup>18</sup> Tradução nossa: “Qual é a opinião de vocês? Acham que se não postamos imagens na internet, não existimos?”.

O caráter dado ao mundo da vida, por Machado de Assis em relação aos leitores, orientou-nos na forma composicional dos nossos memes: o tom mordaz de se referir a Jair Messias Bolsonaro orienta as escolhas com as quais jogamos; fotos e enunciados literários, associados aos textos que criamos, imbricam-se em variados discursos, que se desdobrarão em outros. Na outra ponta da comunicação, necessita-se de um contemplador que se aproprie dos enunciados e se torne cocriador, ressignificando as valorações (éticas e estéticas). É isso o que ocorreu e seguirá ocorrendo.

Para tanto, como já dizemos anteriormente, são necessárias práticas de letramento que propiciem a compreensão da construção dos sentidos em cada gênero, e como esses sentidos podem se (re)significar em relações intergenéricas. Tudo isso sem perder de vista as especificidades de cada enunciado.

Nessa frequência, o texto literário utilizado por nós como objeto do meme, nada perde enquanto criação artística, mas, sim, agrega um inesperado valor através de um diálogo plural, inserindo as obras, como afirmou Volóchinov (2017), numa dada situação social, mantendo-as vivas enquanto rastros de uma essencial memória cultural.

No início de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o Bruxo do Cosme Velho, num de seus *insights* narrativos, sugere aos leitores a oferta de um “piparote” caso não seja bem recebido em suas provocações literárias. Aqui e agora, em tempos de conclusão, aceitamos sua brincadeira, mas sem o “adeus” que o narrador também menciona: em se tratando da obra machadiana, essa despedida nunca se efetiva, convidados que somos a compor com esse genial criador novas e ricas experiências de leitura e releitura.

## REFERÊNCIAS

ARNAUT, Ana Paula. A insólita construção da personagem post-modernista. **Revista Abusões**, v. 3, n. 3, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/abusoes/article/view/26284/19325>>. Acesso em 10 de junho 2021.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Nobel, 2009.

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Antofágica, 2019.

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Moderna, 1999.

ASSIS, Machado de. **Obra completa**. V. 01. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1986.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo de Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacro e simulação**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2018.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1994.
- CAMPOS, Haroldo. **Ruptura dos gêneros na literatura latino-americana**. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- CARNEIRO, Flávio. Machado de Assis: autor do século XXI? In: **ABRALIC**, 2006. Disponível em: <http://www.flaviocarneiro.com.br/obra/machadodeassis.html>. Acesso em: 15 de maio 2021.
- SHIFMAN, Limor. Comparações transculturais do conteúdo gerado por usuário: um modelo analítico. In: CHAGAS, Viktor (org.). **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador: EDUFBA, 2020.
- FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: A pirâmide e o trapézio**. São Paulo: Globo, 2001.
- KLEIMAN, Angela. "Os estudos do letramento e a formação do professor de língua materna". **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, v.8, n.3, p. 487-517, set./dez. 2008.
- LEAL-TOLEDO, Gustavo. **Os memes e a memética: o uso de modelos biológicos na cultura**. São Paulo: FiloCzar, 2017.
- MERLÍ. Direção: Eduard Cortés, Produção: Héctor Lozano. Intérpretes: Francesc Orella, David Solans, Candela Antón e outros. Barcelona, Espanha: TV3, 2015. 03 temporadas, 40 episódios.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.
- SOUSA, Wilker. Ler não comporta o imperativo. **Revista Cult**. São Paulo, 2010. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/ler-nao-comporta-imperativo-2/>. Acesso em 11 de junho 2021.
- VIRILIO, Paul. **O espaço crítico**. Rio de Janeiro: Ed 34, 1993.
- VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. São Paulo: Ed 34, 2019.
- VOLÓCHINOV, Valentin.. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Ed. 34, 2017.

*Recebido em: 13/06/2021*

*Aprovado em: 19/07/2021*

*Publicado em: 12/08/2021*